



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Cristiane Akemi Sato

Professora-orientadora Msc. Juliana Fonseca Duarte
Professora monitora-orientadora Msc. Andréia Mello Lacé

Brasília (DF), Maio de 2013

Cristiane Akemi Sato

A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Msc Juliana Fonseca Duarte e da Professora monitora-orientadora Msc Andréia Mello Lacé.

Brasília (DF), Maio de 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Cristiane Akemi Sato

A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Msc Juliana Fonseca Duarte – UnB
(Professora-orientadora)

Msc Livia Silva Souza – SEEDF
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

Dedico esse trabalho a todos os que acreditam em uma educação de qualidade e na interação entre o afeto e a cognição. Que esse trabalho possa servir de reflexão aos professores experientes e as novas gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu forças para concluir esse trabalho. A meus pais, irmãos e amigos que tiveram paciência e me apoiaram durante toda a jornada. Aos colegas professores que contribuíram com suas experiências. A escola CEM 804 – Recanto das Emas e a toda a equipe, que além de permitir o estudo, tem-se mostrado disponível a novas formas de pensar pedagógicos.

Agradeço a professora Fátima Roseli, quem acompanhou os primeiros trabalhos e incitou novos aprendizados e a professora Andréia Mello Lacé, quem melhorou após diversas leituras o meu trabalho, quem contribuiu com novas ideias e principalmente quem não me deixou desistir.

Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: “Por favor, me ajude a ser feliz...”

Rubem Alves (2001)

RESUMO

A afetividade pode ser analisada sobre vários prismas e diversos agentes. Essa pesquisa utilizou o termo sob a ótica de professores e alunos e as experiências vivenciadas nas salas de aula em uma escola de ensino médio localizado na periferia do Distrito Federal, bem como a teoria de Wallon (1978) e outros estudiosos. A afetividade é considerada importante no âmbito educacional, portanto, investigou-se quais as relações e implicações diretas entre afeto e cognição, como trabalham professores com a afetividade em sala de aula e como respondem os alunos a esse tratamento. Utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa com o estudo de caso. O público envolvido de professores de áreas de conhecimento diferentes puderam ser entrevistados e observados durante as aulas assim como foram escolhidos alunos do ensino médio de turmas e séries diferentes para participarem de um questionário elaborado que previu perguntas subjetivas e objetivas sobre o tema. Afim de comprovar o que haviam respondido professores e alunos foi realizada a observação de algumas aulas. Utilizando diversas ferramentas de investigação para o estudo de caso, puderam ser comprovados alguns questionamentos apontados para a delimitação do problema bem como foram alcançados os objetivos propostos.

Palavras-chave: afetividade, processo ensino-aprendizagem, relação professor - aluno.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Quadro 1 – Artigos apresentados no GT-20 – Psicologia da Educação	14
Quadro 2 – Trabalhos pesquisados na Biblioteca Eletrônica Scielo	15
Gráfico 1 – Significado da afetividade entre professor/ aluno	25
Gráfico 2 – Preferências da área do conhecimento	26
Gráfico 3 – Correspondência entre a disciplina que mais gosta e o(a) seu(sua) professor(a) preferido(a)	27
Gráfico 4 – Existência da afetividade entre professor e aluno	28
Gráfico 5 – Existência de relação entre a preferência pela disciplina e o esforço dedicado	28
Gráfico 6 – Características do bom professor	29
Gráfico 7 – Característica do professor afetuoso.....	30

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1 A afetividade.....	15
1.2 Afetividade e ensino-aprendizagem	17
2 METODOLOGIA.....	20
2.1 Abordagem e procedimentos de pesquisa	20
2.1.1 Considerações sobre a escola	22
2.2 Instrumentos	22
3 Exposição e análise dos dados.....	25
3.1 Questionários dos alunos	25
3.2 Entrevistas com professores	30
3.3 Observação das aulas.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – TERMO DE CIENCIA DA INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE	38
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	39
APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	40
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.....	41
APÊNDICE E – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	43

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino médio da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), situada na cidade satélite do Recanto das Emas, denominada em nosso estudo por CEM 804.

A escola possuía boa infraestrutura, 21 salas de aula, sala de vídeo, quadra poliesportiva, auditório, pátio. Contava com aproximadamente 1600 alunos nos turnos matutino e vespertino juntos. O período noturno não esteve inserido nessa contagem apesar de funcionar como ensino regular. A instituição está inserida em uma comunidade carente economicamente e, segundo opinião dos próprios alunos, pais e professores, violenta.

Há algum tempo o ensino tradicionalista perdeu espaço para outras propostas mais inovadoras que buscaram em outras áreas de conhecimento a melhoria na qualidade de ensino. É certo que não devemos educar os jovens de hoje como antes foram educadas outras gerações, há o ritmo frenético de uma sociedade sedenta por informações rápidas e muitas vezes superficiais.

Ainda os padrões de educação, respeito e cidadania ganharam roupagem nova com as transformações que nos assolam diariamente. Enquanto os pais saem para trabalhar longas jornadas, as crianças e jovens crescem mais perto da TV e recentemente da internet. Ao querer suprir o vazio do tempo, alguns pais não souberam dizer não, o que influenciou diretamente nas salas de aula no comportamento de muitos alunos. O bom e mau comportamento referem-se àquilo que é de senso comum à maioria dos docentes e aceitáveis dentro da sociedade. As relações ficaram muitas vezes estremecidas e pais, professores e alunos aprendem a lidar a cada dia com novos desafios de violência, drogas, sexo, gravidez precoce, etc.

Uma criança cercada por carinho e atenção tem mais chance de tornar-se um adolescente tranquilo, por isso nessa fase infantil é importante demonstrar afetividade no seio familiar e também na sala de aula. Porém será que ainda no ensino médio existe essa relação próxima? E se existe, será que interfere no processo ensino-aprendizagem?

Buscou-se comprovar que há nas relações afetivas um parâmetro que facilite a aprendizagem para o aluno e um campo emocional melhor para o ensino por parte do professor. A partir da comprovação de tais fatos, pôde-se apresentar na própria escola de pesquisa, bem como servir de base para outras instituições de ensino, uma proposta a ser seguida, discutida e trabalhada.

Para isso, os atores no processo de ensino-aprendizagem foram investigados. Mas, quem são os atores? Consideram-se atores, todos os envolvidos, interna ou externamente no âmbito escolar. Dessa forma, temos alunos, professores, pais, servidores, sociedade, Estado, etc.

Para observar as interferências da relação afetiva no processo ensino-aprendizagem, esta pesquisa focou em dois personagens centrais: professor e aluno. Assim, o problema de pesquisa foi restrito às interferências da relação afetiva desses dois agentes em uma escola pública de ensino médio do Recanto das Emas.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como a relação afetiva professor-aluno interfere no processo ensino-aprendizagem. O público-alvo foi delimitado por professores de várias áreas do conhecimento e alunos de diferentes séries do ensino médio.

Além de identificar a relação afetiva entre os pares citados acima, foi investigada a relação existente entre o afetivo e o processo ensino-aprendizagem, bem como pesquisadas as influências que ocorriam no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno e observado o ensino-aprendizagem sob a ótica da relação afetiva.

A pesquisa foi dividida em capítulos para melhor entendimento e subdividido quando houve necessidade em aprofundar ou comentar algum ponto específico. O capítulo 1 expõe o referencial teórico pesquisado por levantar questões e críticas para o enriquecimento da pesquisa. Estudiosos como Vasconcelos (2004) e Ribeiro (2010) entre outros ajudaram a criar terreno fértil na implantação das ideias e posterior investigação sobre as questões de afetividade entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem, as interferências do afeto na cognição e outras questões chaves para a pesquisa.

O capítulo 2 explorou a metodologia empregada para a apresentação e investigação dos dados, cuja opção foi pelo estudo de caso e a abordagem qualitativa. Vários instrumentos para coleta de informações foram utilizados: a entrevista, o questionário e a observação.

A entrevista aconteceu com alguns professores de áreas de conhecimento diferentes, pois dessa maneira puderam ser avaliados alguns pontos que os professores acreditavam e empregavam em suas práticas pedagógicas.

Como partícipes diretos havia também os alunos, cuja participação levantou alguns questionamentos, - será que a opinião dos alunos dialogaria com a entrevista dos professores? Assim, foram analisadas e contrapostas as informações coletadas por meio da entrevista e do questionário, mas ainda sentiu-se falta da verdadeira comprovação. Não bastava somente o recolhimento das impressões dos atores no processo ensino-aprendizagem, era necessário o acompanhamento, a observação para verificar como o afeto era trabalhado em sala de aula. E

outro questionamento surgiu: - que interferências em relação à aprendizagem a afetividade poderia proporcionar?

Os resultados obtidos foram analisados no capítulo 3. A análise descritiva das entrevistas e da observação, assim como gráficos utilizados para mostrar a opinião dos alunos podem ser acompanhados nessa parte.

A exposição e análise dos dados sugeriram um profundo enriquecimento profissional e pessoal e a vontade de pesquisar outras questões que foram surgindo ao longo do processo, principalmente relacionadas à verificação que a afetividade interfere de diversas formas, direta e indiretamente, no processo ensino-aprendizagem.

Nas considerações finais foi abordado o que foi instituído e questionado pelo problema de pesquisa. Os objetivos foram alcançados e a justificativa de poder investigar algo tão instigador e, às vezes, renegado como é o caso da afetividade, foi possível comprovar e, mais ainda, trabalhar em discussões com a equipe de professores e utilizados para práticas pedagógicas que ajudassem na melhoria da qualidade de ensino.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A realização de um projeto em determinada área e tema não se dá de um dia para noite. Há questões relacionadas com a curiosidade do autor, facilidade em abordar o tema, relevância profissional e para a sociedade, aplicabilidade e verificação de conhecimentos. A construção de um estudo sobre a afetividade em torno dos atores do processo ensino-aprendizagem está intimamente ligada à área de atuação e, particularmente, oferece diversas respostas às experiências preliminares.

Assim, o referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se em artigos relacionados ao tema da afetividade no processo ensino-aprendizagem. Os textos pesquisados foram fundamentais para a delimitação da pesquisa e sua contextualização. Os textos também serviram de subsídios para a abordagem crítica dos objetivos propostos e ainda que simples, a presente revisão pretende realizar considerações sobre os atores no processo ensino-aprendizagem e as possíveis interferências da afetividade na relação professor e aluno.

O tema da afetividade pode ser analisado com um caráter bastante abrangente nas várias relações interpessoais e em diferentes contextos e situações. Para adequá-lo ao que se pretende aqui, o tema foi enquadrado nas relações afetivas entre dois atores do processo ensino-aprendizagem, professor e aluno, assim como foi delimitado o espaço em que são desenvolvidas as ações.

Com o intuito de diminuir uma busca por artigos, foram feitas algumas perguntas. O que é afetividade no processo ensino-aprendizagem? Quais as interferências da afetividade no processo de cognição? A relação afetiva entre professor e aluno interfere na aprendizagem? Como abordar a afetividade com alunos de ensino médio? Quais mecanismos podem ser utilizados para aproveitar a afetividade no processo ensino-aprendizagem?

Consultar textos relacionados ao tema tampouco é tarefa fácil ou rápida, há um planejamento de descrição e leitura. Há também descarte e nova pesquisa para o enriquecimento do estudo. Tendo em vista o rigor formal e excelência da UnB, espera-se ter alcançado sucesso na revisão de literatura.

A análise da literatura foi feita em sites especializados em temas acadêmicos, pela excelência, praticidade e inovação no campo da Educação. Dentre as fontes pesquisadas foram usados os sites da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd¹), a biblioteca eletrônica Scielo² e sites institucionais do Ministério da Educação

¹ A ANPEd — Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação — é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1976 graças ao esforço de alguns Programas de Pós-Graduação da Área da

(MEC), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

A pesquisa na biblioteca eletrônica Scielo, no período compreendido entre 2005 e 2010, também trouxe textos e autores que apresentavam de forma abrangente ou específica o título afetividade. Como uma primeira pesquisa digitou-se no campo da busca as palavras afetividade, ensino, aprendizagem.

Das fontes citadas, a ANPEd foi material de consulta obrigatória. O levantamento centrou-se nas reuniões anuais do período de 2007 a 2012, respectivamente da 30ª à 35ª reunião. O Grupo de Trabalho pesquisado foi o GT-20, Psicologia da Educação.

Surgiram no levantamento oito artigos relacionados à afetividade. Desses, um trabalho foi descartado por restringir-se à afetividade na relação professor *versus* professor-coordenador. Nos textos selecionados, foi observada a falta de estudos a respeito da afetividade no ensino médio, o público alvo desta pesquisa. Em outros textos, foi verificada a afetividade em disciplinas específicas.

Abaixo os dois quadros apresentam de forma cronológica os artigos pesquisados.

Quadro 1 – Artigos apresentados no Grupo de Trabalho GT-20 – Psicologia da Educação - da ANPEd

ANO	TÍTULO	AUTOR(ES)
2011	As práticas pedagógicas e a relação afeto-cognição: um estudo para a formação de professores	TASSONI, Elvira Cristina Martins.
2010	A dimensão afetiva nas representações sociais sobre o trabalho docente	SUGAHARA, Leila Yuri SOUZA, Clarilza Prado de
	A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas	TASSONI, Elvira Cristina Martins LEITE, Sérgio Antônio da Silva
2009	Afeto e emoção no diálogo de Vygotsky com Freud: apontamentos para a discussão contemporânea	MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão SMOLKA, Ana Luiza Bustamante
2008	Angústia e ódio na relação professor-aluno	OYAMA, Daniela Kitawa
	Os aspectos afetivos no processo de aprendizagem da matemática e da física	ARCHANGELO, Ana PERES, Bruna Assunção CUNHA, Jaqueline Elaine Bueno da AMON, Maria Clara Igrejas

Educação. Na década de 1980 passou a nomear-se Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em 02/10/2012.

² A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 15/10/2012.

ANO	TÍTULO	AUTOR(ES)
	Afeto: nos fios dos bastidores da sala de aula	FARIAS, Maria de Lourdes Soares Ornellas

Fonte: Banco de dados da ANPED. Disponível em: www.anped.org.br/novo_portal/internas/ver/reunioes_anuais. Acesso em 20 de outubro de 2012.

Quadro 2 – Artigos encontrados na biblioteca eletrônica Scielo

ANO	TÍTULO	AUTOR(ES)
2010	Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem	SANT'ANA, René Simonato LOOS, Helga CEBULSKI, Márcia Cristina
	A afetividade na relação educativa	RIBEIRO, Marinalva Lopes
	Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação	FERREIRA, Aurino Lima ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria
2007	Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicoeducacional	CASTRO, Nelimar Ribeiro de
2006	Representações sociais de professores sobre afetividade	RIBEIRO, Marinalva Lopes JUTRAS, France
2005	Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon	MAHONEY, Abigail Alvarenga ALMEIDA, Laurinda Ramalho de
	Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas	VASCONCELOS, Mário Sérgio

Fonte: Banco de dados da Scielo. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 20 de outubro de 2012.

Assim, foi iniciada a leitura dos resumos dos textos mediante questões que responderiam os objetivos específicos: A afetividade interfere no âmbito escolar? Como a afetividade é trabalhada em sala de aula? Qual a relação existente entre afetividade e cognição? Como se dá a relação afetiva professor-aluno? Após a pré-leitura, realizou-se uma análise mais crítica sobre os pontos que serviriam para esse trabalho.

1.1 A afetividade

O objetivo neste tópico não é definir as diversas concepções de afetividade descritas por Freud, Vygotsky ou Piaget, mas situar o leitor no significado que será abordado na pesquisa. Sendo assim, iniciamos com o conceito da palavra afetividade proposto por Salla.

Grandes estudiosos, como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), já atribuíam importância à afetividade no processo evolutivo, mas foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundou na questão. Ao estudar a criança, ele não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é

formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva -, que coexistem e atuam de forma integrada (SALLA, 2011, p.1).

Wallon (1978) afirma que a afetividade pode ser expressa por três formas: a emoção, o sentimento e a paixão. A emoção estaria mais relacionada com o afeto enquanto o sentimento estaria diretamente ligado ao cognitivo. A paixão tem como característica principal o autocontrole. Apesar de integradas as três dimensões nos focaremos no cognitivo e afetivo.

O desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais. No que diz respeito à afetividade e cognição, esses conjuntos revezam-se, em termos de prevalência, ao longo dos estágios de desenvolvimento. Nos estágios impulsivo-emocional, personalismo, puberdade e adolescência, nos quais predomina o movimento para si mesmo (força centrípeta) há uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo, enquanto no sensorio-motor e projetivo e categorial, nos quais o movimento se dá para fora, para o conhecimento do outro (força centrífuga), o predomínio é do conjunto funcional cognitivo (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 30).

A escola considerada antigamente espaço de classificação e seleção em que poucos poderiam estar, foi se transformando em um lugar de inclusão, responsável pela construção dos saberes de todos, no entanto a dinâmica que vigorava entre o par professor-aluno era de punição.

A figura do professor era mais temida do que adorada e ainda que houvesse o respeito e muitas vezes o silêncio as relações de afeto ou qualquer outra emoção eram ignoradas e deixadas de lado.

A sociedade evoluiu, bem como as suas relações tornaram-se mais complexas e o aluno, que era considerado um repositório de conhecimentos, tornou-se um indivíduo que deve ser respeitado e conduzido para a formação cidadã. A relação de afeto que antes era um processo familiar passou a ser inserida nos moldes do ambiente escolar.

Freud acalentava um sonho de que a psicanálise pudesse um dia vir a contribuir com a sociedade como um todo e, especialmente, com a educação; acompanhava os movimentos sociais e sempre estimulava que a psicanálise pudesse estender-se a outras áreas do conhecimento. A partir daí a psicanálise ainda que sutilmente, ousou adentrar os muros da escola (FARIAS, 2008, p.2).

Trabalhar com esse tema não é fácil, pela quantidade de dúvidas e preconceitos de que o afetivo não esteja relacionado com o cognitivo ou que seja papel da família a transmissão de afeto.

A formação de professores não inclui apenas o saber técnico, mas também outros como destaca Ribeiro

As diretrizes concernentes à formação dos professores (Brasil, 1999) assinalam que uma educação de “qualidade” deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades “cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal” (p.25). Esse documento coloca que o estabelecimento de relações afetivas repercute no trabalho educativo e que somente os professores que valorizam o estabelecimento dessas relações criam as condições necessárias à integração social dos seus alunos (RIBEIRO, 2010, p.406).

Sabendo, portanto da pouca familiaridade dos professores com o tema e da complexidade das relações professor-aluno foram estabelecidos alguns tópicos para o aprofundamento da afetividade em sala de aula.

1.2 Afetividade e ensino-aprendizagem

De acordo com Ribeiro, “a afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções e pode desenvolver-se por meio da formação” (Ribeiro, 2010, p.404). Percebe-se dessa maneira, que a afetividade é desenvolvida em sistema de parceria e valorizada pelos alunos.

Engana-se àquele que acredita que o professor perde sua autoridade quando oferece o afeto; ao contrário, o professor que detém o domínio da sua turma com essa valorização alcança uma maior produtividade e eficácia no ensino. Como afirma Ribeiro, “segundo Araújo (1995), Tognetta e Assis (2006), a sintonia, as relações afetivas e cooperativas, a solidariedade, a tolerância, a demonstração de respeito e de apoio por parte do professor ajudam os alunos a superarem dificuldades escolares (Ribeiro, 2010, p.404).

Archangelo e outros dizem que

O processo de aprendizagem envolve uma dimensão cognitiva, relacionada à transmissão, construção e avaliação do conhecimento, e uma dimensão afetiva, ligada aos tipos de relacionamentos no interior dos quais tal processo ocorre, podendo-se destacar a relação professor-objeto de conhecimento e a relação professor-aluno (ARCHANGELO et al., 2008, p.1).

Observados os diversos estudos sobre afetividade em sala de aula foi percebido que além de superar dificuldades de aprendizagem e estar ligados com a transmissão de conhecimento há uma preferência pelo professor afetivo

Fica evidente que os estudantes apreciam mais as disciplinas ministradas por professores com os quais se relacionam melhor, pois a conduta desses profissionais influencia a motivação, a participação e a dedicação aos estudos. Motivar um estudante, então, não é uma questão de técnica, mas depende da relação que se estabelece com esse sujeito (RIBEIRO, 2010, p.404).

Ao ver algumas reportagens sobre a violência nas escolas, preocupa o fato do ódio existente do aluno em relação ao professor. O desrespeito às vezes vem em forma de palavras de baixo calão e até mesmo de agressões físicas. Por estar em uma escola de ensino médio e por perceber que a adolescência traz preocupações esta pesquisa teve como público alvo alunos entre 15 e 18 anos.

Segundo Ribeiro, “certos autores reconhecem que existe autoritarismo por parte do professor, o que pode influenciar o desinteresse, a inquietação e a agressividade por parte dos estudantes” (Ribeiro, 2010, p.405). Além disso, o alto índice de reprovação e evasão escolar podem estar diretamente relacionados a tal autoritarismo e à falta de motivação e afeto entre professores e esses alunos.

Nesse caso não se pretende julgar a relação afetiva como mais ou menos responsável pelo fracasso escolar, mas é inegável que “a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos” (Ribeiro, 2010, p.406).

O professor talvez aja na defensiva diante de tantas acusações na falha da educação. Somos responsáveis por controlar turmas lotadas, heterogêneas e em grande parte desinteressadas. Cobrados por direção, supervisão, coordenação, sobrecarregados com preenchimentos de diários, planejamentos, avaliações,... Estamos sugados em um túnel de afazeres que nem sempre deixa espaço para emoções.

Além da falta de tempo, há a falta de preparo, os cursos de formação docente não nos prepararam para reconhecer e trabalhar o afeto paralelamente aos conteúdos programáticos. Ao contrário, muitos professores fogem da palavra por acreditarem que quem dá afeto são os pais ou que o afetivo está relacionado a “passar a mão na cabeça”. Nem um nem outro, o ser humano gosta de ser apreciado e sabendo que é querido irá se esforçar para agradar quem gosta dele.

Assim, é necessário destacar contribuições de pesquisa de outros autores

Os estudos por nós analisados trazem clareza sobre a importância e a sutileza das relações afetivas na ação dos educadores. Esses estudos mostram que a

afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. Apesar da importância atribuída pelos autores ao papel da afetividade na aprendizagem e na formação dos professores, ela parece não ter um lugar importante na prática do ensino. (RIBEIRO, 2010, p. 406).

Voltando aos artigos sobre o tema, ainda há pouca informação sobre afetividade e cognição. E quando o levantamento foi delimitado para o ensino médio, havia menos pesquisas entre os jovens.

Um artigo que trazia pesquisa comparativa entre os vários níveis de ensino e a interferência dos afetos, pontuou que

Em cada estágio de desenvolvimento há necessidades diferentes, que exigem formas de relacionamento diferentes, níveis de sensibilização e percepção distintos, induzindo sentimentos e emoções qualitativamente mais sofisticados. As exigências afetivas acompanham as exigências cognitivas e vice-versa. (...)

Enquanto os menores destacaram aspectos relacionados às manifestações afetivas de natureza tônico-postural (contato físico, proximidade, modulações de voz), os maiores apontaram aspectos mais complexos de vinculação afetiva (consideração, atenção e respeito pelo que o aluno sente, pensa e pelo que ele é) (TASSONI; LEITE, 2010, p. 14, 15).

Em todas as obras citadas a afetividade traz interferências positivas para o aprendizado, além de criar espaços de bem-estar, ambiente propício para o ensinar e o aprender de qualidade.

2 METODOLOGIA

2.1 Abordagem e procedimentos de pesquisa

A metodologia desta pesquisa será qualitativa do tipo estudo de caso. A parte quantitativa relacionada com dados obtidos na avaliação institucional de 2012, não se sobrepõe ao aspecto qualitativo que focará a natureza interpretativa dos dados.

Vários artigos de metodologia versam sobre o estudo de caso. Segundo Araújo et al,

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Yin (1994) afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “porquê?”, quando o investigador procura encontrar interações entre fatores relevantes próprios dessa entidade, quando o objetivo é descrever ou analisar o fenômeno, a que se acede diretamente, de uma forma profunda e global, e quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenômeno, do programa ou do processo (ARAÚJO et al., 2008, p.4).

A citação acima nos fornece base para utilizar o estudo de caso já que se tem por objetivo nesta pesquisa analisar dados de como a afetividade interfere no âmbito escolar; como é trabalhada em sala de aula; a relação existente entre afetividade e cognição; e como se dá a relação afetiva professor-aluno.

Embora nas ciências sociais existam diversas objeções em utilizar o estudo de caso, como por exemplo, a falta de rigor metodológico e as interpretações feitas, esta metodologia, quando bem formulada, é um bom método de pesquisa. Gil complementa que

Outra objeção refere-se à dificuldade de generalização. A análise de um único ou de poucos casos de fato fornece uma base muito frágil para a generalização. No entanto, os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados (GIL, 2002, p.55).

Tratando-se de tema tão complexo quanto a afetividade, o tema foi restringido entre os atores no processo ensino-aprendizagem que estão vinculados: professor e aluno. Acredita-se que, dependendo do contexto, há outros agentes externos e internos no ambiente escolar que

podem interferir na aprendizagem dos alunos. Contudo a ênfase será apenas nos partícipes diretos da sala de aula.

Nosso objetivo então não foi o de generalizar, preocupação constante pelo grupo restrito de indivíduos a serem pesquisados, mas sim compreender o evento em estudo e “explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar” (ARAÚJO et al., 2008, p.9).

Poderia ter sido feita a opção por outros métodos, porém o estudo de caso prova ser um dos melhores para comprovação em “explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos” (GIL, 2002, p. 54).

O estudo de caso apresenta características básicas como a observação do fenômeno no seu ambiente natural. Na escola foram observadas as aulas de alguns professores, para verificar como a afetividade era trabalhada, o que se adapta ao tipo de pesquisa que envolve a sala de aula e o papel do observador como participante.

Outro aspecto da metodologia escolhida diz respeito aos diversos meios de recolher os dados. O estudo de caso foi comprovado com a utilização de vários métodos como a observação direta citada acima, e a aplicação de questionários, entrevistas e registros em áudio.

O processo de coleta de dados no estudo de caso é mais complexo que o de outras modalidades de pesquisa. [...] Já no estudo de caso utiliza-se sempre mais de uma técnica. Isso constitui um princípio básico que não pode ser descartado. Obter dados mediante procedimentos diversos é fundamental para garantir a qualidade dos resultados obtidos. Os resultados obtidos no estudo de caso devem ser provenientes da convergência ou da divergência das observações obtidas de diferentes procedimentos. Dessa maneira é que se torna possível conferir validade ao estudo, evitando que ele fique subordinado à subjetividade do pesquisador (GIL, 2002, p. 140).

2.1.1 Considerações sobre a escola

A escola está situada em uma região administrativa humilde, - conta com boa infraestrutura e funciona nos três períodos como escola regular de ensino médio. Observa-se que pais, funcionários e alunos reconhecem a importância de estudar em um colégio tão bem cuidado e organizado estruturalmente.

O espaço físico conta com salas de aula, sala dos professores, sala de leitura e vídeo, auditório, quadra para a prática de educação física. O turno matutino tem as três séries bem

divididas, diferentemente do turno vespertino que na sua ampla maioria é formado pelo 1º ano.

Alguns professores lecionam para os dois grupos matutino e vespertino enquanto outros que têm a jornada ampliada dão aulas em um único turno, mas em diferentes séries. O colégio conta com o apoio da direção (presente há duas gestões consecutivas), dos coordenadores (eleitos pelos professores), da supervisão e de uma orientadora educacional.

Uma avaliação institucional feita com os alunos em novembro de 2012, realizada pela coordenação, foram colhidas algumas informações reproduzidas ou comentadas aqui para situar a pesquisa, fatos interessantes que contribuíram para um maior entendimento da pesquisa.

A escola tem aproximadamente 1600 alunos (matutino e vespertino). Os alunos do Centro de Ensino Médio 804 (CEM 804) vivem perto da escola sendo poucos os casos de alunos que morem em outra região administrativa. A realidade de muitos dos alunos é estudar e trabalhar em turno contrário para ajudar com a renda familiar.

Alguns pais são presentes na escola e veem o estudo como algo importante, apesar de muitos não terem estudado. O respeito pelos professores também é sentido por todos e, fora um problema ou outro, é uma escola bastante segura.

A escola funciona nos três turnos como ensino regular e segue o regime semestral. As disciplinas são divididas em dois blocos e estudadas em semestres diferentes, há dois intervalos e todas as aulas são duplas.

Na observação da sala de aula foi percebido que os alunos trazem o livro didático (problema sanado em relação aos anos anteriores). Com as aulas duplas foi verificado que há uma aproximação entre os alunos e professores e principalmente, entre os próprios discentes para se ajudarem e trabalharem em equipe.

Os dois intervalos ajudam na organização da escola e da sala, os alunos não pedem tanto para sair como antes, já que sabem que terão intervalos para poder lanche, conversar,...

2.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação, a entrevista e a aplicação de questionários. Os problemas surgiram ao longo da pesquisa, desde a falta do cumprimento do cronograma estabelecido até problemas com o equipamento para as gravações.

Desempenhando papel importante na pesquisa, foi feita a entrevista com um grupo de seis professores divididos entre as áreas do conhecimento. A entrevista é uma técnica de coleta de dados muito utilizada nesse tipo de pesquisa. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

A entrevista teve um roteiro pré-determinado embora houvesse durante a realização novos questionamentos para a melhor compreensão do estudo.

A entrevista foi realizada previamente com dois professores de áreas do conhecimento diferentes (Códigos e linguagens, Humanas e Exatas). Como a escola passou um tempo significativo sem professores para dar aula na área de Códigos e Linguagens, optou-se pela entrevista com mais um professor da área de Exatas.

O atraso nas entrevistas aconteceu devido a dois imprevistos ocorridos com professores diferentes que faltaram ao dia marcado por problemas de saúde e pelo avario do aparelho. Os dois casos foram sanados e os professores foram entrevistados.

Foi explicado a cada um dos professores entrevistados a proposta de pesquisa e foi pedido a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). No início, todos se sentiram envergonhados diante do gravador, mas à medida que a conversa transcorria os professores sentiram-se mais à vontade para se expressar sobre o tema e responder às questões sugeridas.

Os dados obtidos foram analisados e comparados à luz da teoria desenvolvida por Wallon (1978) e outros estudiosos, bem como verificadas entre as diferentes opiniões de professores e alunos.

O questionário foi utilizado para analisar a relação entre o processo ensino-aprendizagem e a afetividade, e foi aplicado com os alunos em seis diferentes turmas do turno matutino, divididas igualmente entre as três séries do ensino médio. O questionário foi composto por sete questões, duas subjetivas e as demais objetivas. Os alunos dessas turmas estão na faixa etária de 15 a 18 anos e são de ambos os sexos. O questionário foi aplicado no início do ano letivo de 2013.

A principal dificuldade encontrada na aplicação desse instrumento foi a falta de objetividade dos alunos em responder as perguntas abertas. Alguns questionários foram respondidos de forma errônea e, por isso, suspeita-se que a falta de entendimento prejudicou, principalmente, as perguntas subjetivas. No entanto, foi de grande valia a opinião de muitos alunos sobre o tema afetividade e o processo ensino-aprendizagem. Também a admiração e a

vontade em colaborar com uma pesquisa de trabalho final da Universidade de Brasília estimulou-os a uma participação ativa e solidária.

Foi pedido aos professores autorização para observação de aula em algumas turmas. Nesses casos, também foi solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) de cada professor e ao diretor o Termo de Ciência da Instituição (Apêndice A).

Os profissionais envolvidos demonstraram prazer em contribuir para a pesquisa abrindo a porta de suas salas e permitindo a observação de seu trabalho. Os alunos das salas observadas primeiro ficaram desconfiados e quiseram interagir com a pesquisadora, mas como a observação não era participativa preferiu-se o silêncio. Aos poucos foi percebido que os alunos passaram a ignorar a presença de uma pessoa estranha à sala e interagiram de forma espontânea.

A apresentação das respostas dos questionários foi feita por meio de gráficos. Nas entrevistas e observações das aulas, optou-se pelo processo descritivo.

3 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os questionários foram tabulados e apresentados em gráficos, as entrevistas foram descritas e consideradas com uma análise interpretativa e a observação das aulas proporcionaram à pesquisa um caráter consultivo.

3.1 Questionários dos alunos

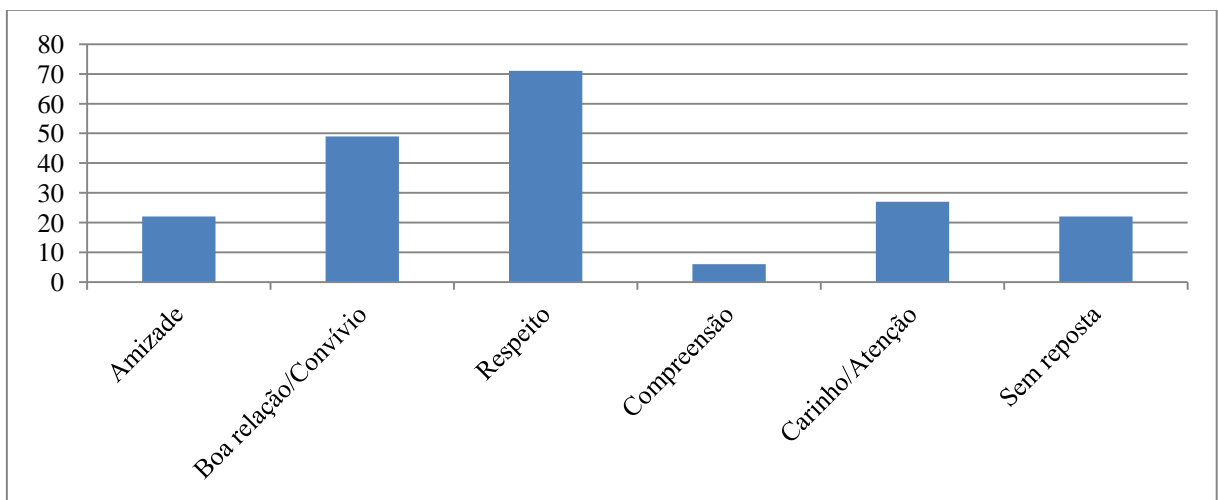
O questionário foi aplicado em diferentes turmas e séries, relacionando o tema afetividade e processo ensino-aprendizagem. Ao todo, 197 questionários foram respondidos, 31 questionários deixaram de ser respondidos por alunos faltosos e nenhum questionário foi totalmente excluído da pesquisa. A seguir, uma análise pormenorizada das respostas obtidas das seis turmas.

Os alunos responderam a sete questões formuladas pela pesquisadora. As duas primeiras questões traziam respostas subjetivas em que o entrevistado era convidado a refletir e opinar segundo suas experiências e vivências.

A primeira questão era sobre o conceito de afetividade considerando a relação professor-aluno.

Os alunos apresentaram como respostas o relato do que entendiam por afeto dentro de sala de aula. Muitas respostas trouxeram mais de uma palavra e nesse estudo todas foram consideradas. Após a leitura de todos os questionários chegou-se ao resultado apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Significado da afetividade entre professor/ aluno



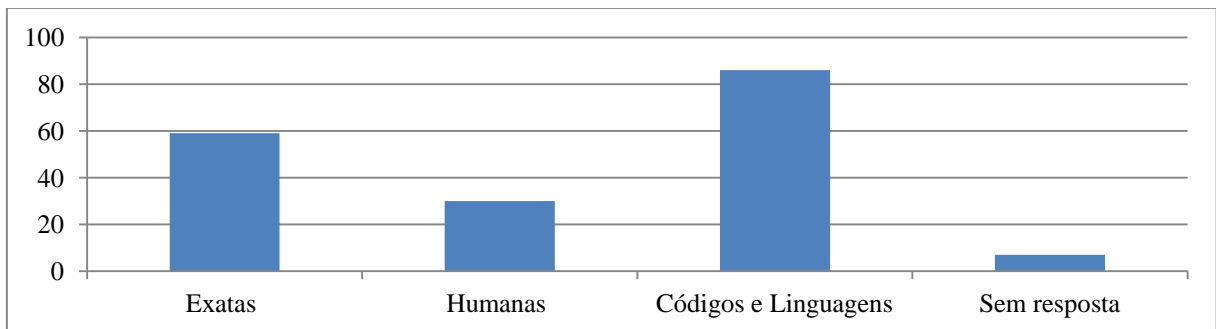
Conforme o gráfico a afetividade é entre outros o respeito, a boa relação e convívio de professores e alunos. Tassoni e Leite (2010, p.10) afirmam que há “uma correspondência entre a maneira como os professores tratam os alunos nas situações pedagógicas e os sentimentos e emoções produzidos em tais situações”.

Para Tassoni e Leite,

Os alunos interpretam as (re) ações dos professores e conferem um sentido afetivo à própria aprendizagem, ao conhecimento que circula, à sua imagem enquanto pessoa e estudante (TASSONI E LEITE, 2010, p.10).

Perguntou-se também a disciplina que mais gostavam e por quê? As respostas, divididas em áreas do conhecimento, estão apresentadas abaixo.

Gráfico 2 – Preferências da área do conhecimento



Organização: Cristiane Akemi (2013)

Foi constatado de acordo com a leitura das respostas da questão que as principais explicações à pergunta foram: o interesse no conteúdo, a facilidade de aprender, o desafio que impõe a matéria (principalmente na área de exatas), a relação existente com a vivência e sua prática (Educação Física e Física) e o dinamismo das aulas.

Ficou comprovado em estudo de Tassoni e Leite e nesse que

As atividades mais exigentes promoveram maior qualidade na aprendizagem, pois trouxeram maior desafio. O tipo de material usado na atividade também contribuiu para a compreensão e boa realização da mesma. Todos esses aspectos trouxeram maior motivação para os alunos. (TASSONI; LEITE, 2010, p. 11)

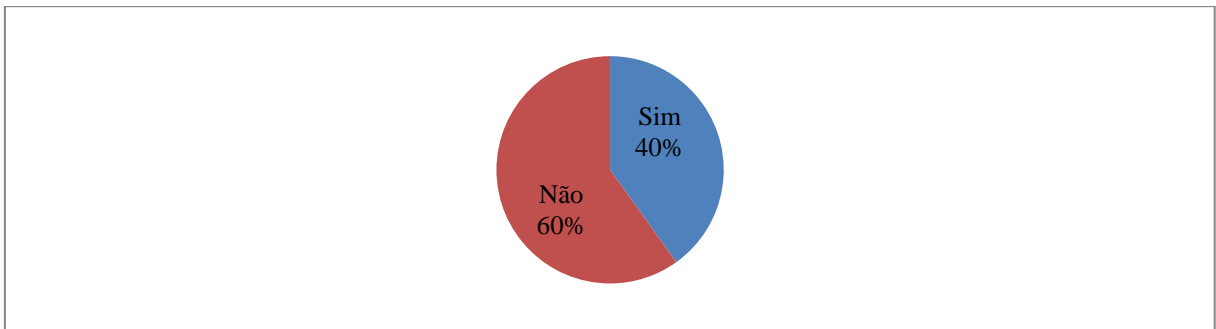
Ainda que não totalmente, segundo as próprias justificativas à pergunta, foi verificado que o interesse é diretamente vinculado ao professor da disciplina e a relação que existe entre aluno e professor.

Como afirmam os autores Tassoni e Leite, “segundo Wallon (1978), a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais” (TASSONI; LEITE, 2010, p.1).

A terceira pergunta revelou resultados interessantes. Acreditava-se que a disciplina favorita estaria diretamente relacionada com o professor, mas na maior parte das opiniões não há embasamento nesta relação. Diferente observação tiveram Tassoni e Leite que afirmaram em seu estudo que “Da mesma forma, os alunos estabeleceram uma relação entre a pessoa do professor e suas práticas pedagógicas, evidenciando que gostar do professor influencia o gostar do objeto de conhecimento” (TASSONI; LEITE, 2010, p. 12).

Talvez em parte sim, exista essa preferência por disciplina e professor, mas os alunos do CEM 804, na sua maioria, não enxergam dessa forma, como mostra o gráfico abaixo.

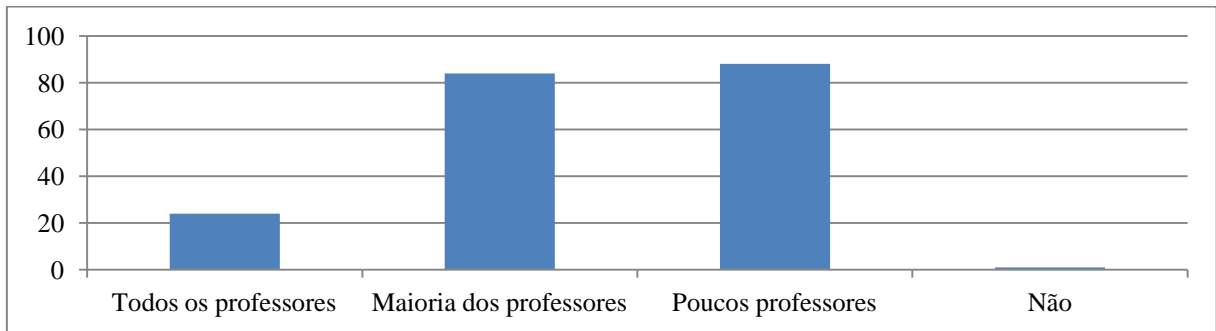
Gráfico 3 – Correspondência entre a disciplina que mais gosta e o(a) seu(sua) professor(a) preferido(a)



Organização: Cristiane Akemi (2013)

Questionados sobre a afetividade existente entre professor e aluno na escola, o resultado encontrado segue no gráfico abaixo. Apenas um questionário trazia como resposta que não há afetividade entre professor e aluno na escola em questão.

Gráfico 4 – Existência da afetividade entre professor e aluno

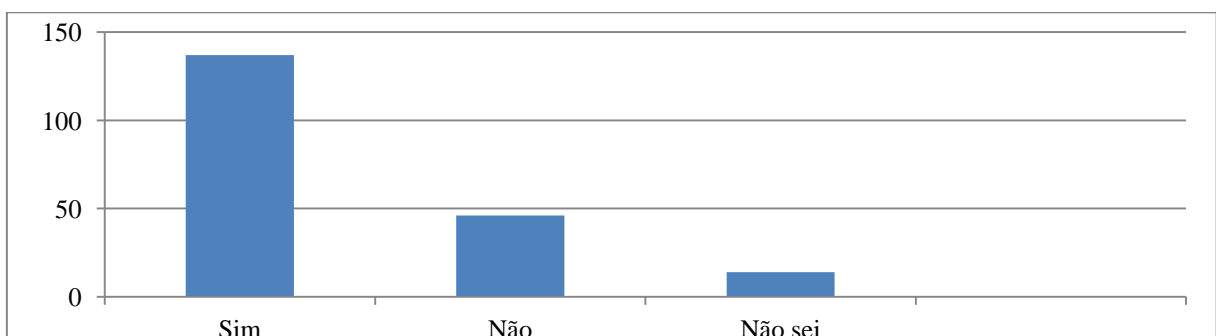


Organização: Cristiane Akemi (2013)

Analisando as respostas da primeira questão em que os alunos expressaram que a afetividade está relacionada com o respeito, amizade, compreensão, boa convivência, entre outros, verifica-se que o afeto é vivenciado na sua maior parte com poucos professores e embora a opinião de que não haja afeto com nenhum professor seja ínfimo, o resultado não é totalmente satisfatório.

Ao buscar para essa pesquisa informações relacionadas à prática da afetividade e suas interferências em sala de aula, questionou-se a relação existente entre o afetivo e a cognição. Abaixo os resultados:

Gráfico 5 – Existência de relação entre a preferência pela disciplina e o esforço dedicado



Organização: Cristiane Akemi (2013)

Verifica-se que há uma relação direta entre o processo ensino-aprendizagem e a afetividade quando o assunto é o melhor aproveitamento das aulas. Ainda, acredita-se que os que não souberam responder à questão ou mesmo aqueles que responderam negativamente, não levaram em conta a boa relação e o maior esforço que se faz por existir maior proximidade entre o par professor/aluno.

Como verificado em Tassoni e Leite

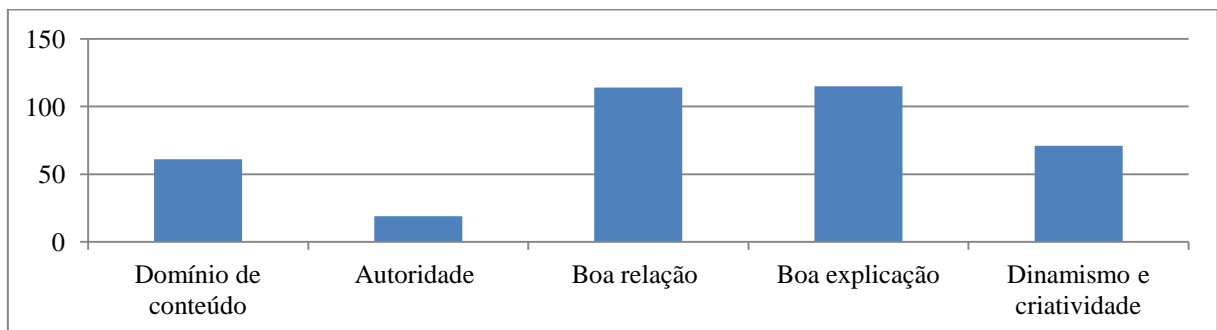
No estreito entrelaçamento entre afetividade e cognição, as conquistas do plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo e vice-versa, assumindo uma perspectiva de desenvolvimento para todos os aspectos, inclusive o afetivo (TASSONI; LEITE, 2010, p.7).

A penúltima questão também foi elaborada com o objetivo de entender se a afetividade está ligada ao conhecimento e até mesmo a qualidade das aulas e a facilidade de apreender conteúdos.

Um bom professor deve ser um profissional completo que se destaca em sua prática pedagógica, não somente nos conhecimentos específicos de cada área, mas aquele que tem equilíbrio para mediar conflitos, ensinar, conversar e criar um bom ambiente de trabalho.

Destacou-se a qualidade da mediação do professor para que se estabeleça uma boa relação com o objeto de conhecimento. A ação do professor, através das práticas pedagógicas, determinou, segundo os alunos, o gostar ou não de escrever, gostar de matemática, de geografia, etc. Em muitos comentários, as práticas pedagógicas dos professores repercutiram na autoestima dos alunos (TASSONI; LEITE, 2010, p. 12).

Gráfico 6 – Características do bom professor



Organização: Cristiane Akemi (2013)

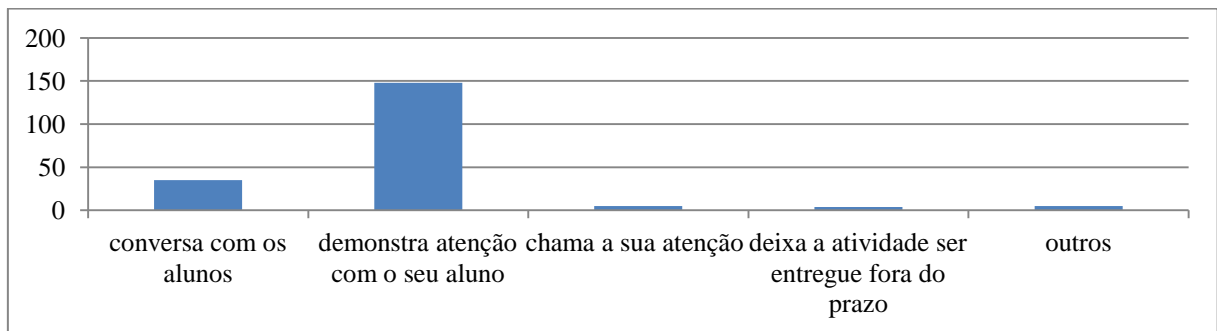
Como um complemento às demais perguntas a última questão reforçava o que se entendia por professor afetuoso. Positivamente, as respostas confirmam que afetividade e cognição, segundo a teoria de Wallon (1978), estão intrinsecamente relacionadas.

Confirmando as respostas obtidas e observadas nos gráficos 6 e 7, ficou explícito que, para os alunos, o professor que se preocupa e se importa vai além dos conteúdos e aspectos formais de nota. Em artigo de Tassoni e Leite foi observado que outras aprendizagens são levadas em conta ao analisar a afetividade e a cognição.

Classificaram-se como outras aprendizagens os aspectos apontados pelos alunos que faziam referência a outras preocupações dos professores que vão

além dos conteúdos ensinados. Para os alunos, tais preocupações foram reveladas por ações concretas dos professores que proporcionaram aprendizagens de outra natureza que não apenas às ligadas ao conhecimento tradicionalmente trabalhado na escola. O que se destacou foi o quanto essas outras aprendizagens interferiam na aprendizagem dos conteúdos formais. Os alunos menores (6 anos) apontaram a preocupação com a postura corporal. Os demais expressaram aspectos mais complexos envolvendo o autoconhecimento, o conhecimento do outro, habilidades (organização dos materiais), a mediação dos conflitos entre os alunos, a preocupação com as necessidades individuais dos mesmos (TASSONI; LEITE, 2010, p. 11).

Gráfico 7 – Características do professor afetuoso



Organização: Cristiane Akemi (2013)

Na opção “outros”, as respostas obtidas foram o interesse pelos alunos. Em sua ampla maioria, os alunos apontaram que o professor afetuoso é aquele que demonstra atenção com o seu aluno, e não se entende por afetividade nem a rigurosidade e nem a liberdade demasiada. Ao contrário, apontam que o equilíbrio deve estar presente nas salas de aula para conforto e apreensão dos resultados.

Professores muitas vezes enxergam que o cognitivo está relacionado a passar a mão na cabeça, facilitar ou não impor limites. Longe disso, os próprios alunos mostraram, com as respostas obtidas, que o que se quer é o respeito pelo indivíduo, a convivência madura com todos.

3.2 Entrevistas com professores

Para corroborar e contrabalancear as informações dos alunos entendeu-se ser necessário obtê-las também dos professores. Mudando um pouco o enfoque, preferiu-se a entrevista com perguntas pré-elaboradas e outras que surgiram à medida que a conversa se desenrolou.

Foram convidados a participar seis professores de áreas e componentes curriculares diferentes, sendo um professor de história, um de geografia, um de português, dois de

matemática e um de física. Inicialmente, o plano era entrevistar dois professores de cada área, mas devido à falta de muitos professores no início do ano e para não atrasar o cronograma, substituiu-se um professor de Códigos e Linguagens por um de Exatas.

Com o intuito de preservar informações pessoais e resguardar a identidade dos entrevistados foram utilizadas letras diferentes para identificar cada entrevistado.

A primeira pergunta investigou o conceito que o professor tem, segundo suas experiências e prática, sobre o tema afetividade. A maioria dos professores respondeu de forma semelhante. A afetividade seria uma troca de carinho, amizade que está combinada com as afinidades existentes entre a turma e o professor ou mesmo entre alunos e professor. Os professores citaram que a afetividade existe além da simples transmissão de conteúdos perpassa por questões de observar o comportamento do indivíduo e se preocupar ou acompanhar o seu desenvolvimento fora de sala.

A questão seguinte tratou sobre a relação direta entre afetividade e o processo ensino-aprendizagem. Novamente a maioria dos entrevistados disse que a afetividade está diretamente relacionada à cognição, o professor para entrar em sala de aula tem que gostar do que faz sentir-se bem para influenciar positivamente seus alunos, o aluno tem mais vontade de aprender já que o bom relacionamento estabelecido entre os pares influencia na aprendizagem.

A ideia apresentada acima foi comprovada por Tassoni e Leite

Wallon e Vigotski têm muitos pontos em comum em se tratando da afetividade. Assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando, cada um à sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto de caráter orgânico, vão transformando-se qualitativamente, passando a atuar no universo do simbólico, ampliando-se as formas de manifestações da afetividade. Defendem que o afetivo e o cognitivo inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente, promovendo o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade (TASSONI; LEITE, 2010, p. 9).

Em oposição a resposta da maioria, houve relato de professor que acredita não serem algo fundamental afetividade e processo ensino-aprendizagem, mas pensa que ajuda a quebrar paradigmas, principalmente com a área de exatas.

Por ser a afetividade um tema que a maior parte dos professores crê ser importante, foi perguntado se na Universidade haviam aprendido ou obtido recursos para trabalhá-la em sala de aula. De acordo com a maioria, não houve preparo algum no curso superior para trabalhar a afetividade, sendo que hoje praticam-na então conforme seus princípios e práticas.

Situação como a citada acima foi apresentada em outras pesquisas. Para Castro,

Apesar de inúmeros estudos indicarem a relação entre afeto, cognição e desempenho acadêmico sua importância ainda não é reconhecida na prática educacional (CASTRO, 2007, p. 113).

E também Mahoney e Almeida, “o grande desafio do professor, que teve uma formação na qual sua integração não foi levada em conta, é enxergar seu aluno em sua totalidade e concretude” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.12).

Apenas um professor afirmou que o curso superior o preparou para trabalhar a afetividade na sala. Afirmou, inclusive, que é tema recorrente de uma pós-graduação em orientação educacional realizada.

Como há despreparo nas universidades os professores praticam a afetividade de acordo com suas experiências e em relação a isso as opiniões se diferem um pouco. Há um grupo que exerce a afetividade como forma de controle, no início não tanto aparente, mas que amadurece com o passar das aulas. Outra parte dos entrevistados acreditam que afeto é a valorização do próprio ser humano, tratar o aluno como indivíduo único, aprendendo o nome, os gostos, as dificuldades.

Para comparar com as respostas analisadas dos alunos, indagou-se aos professores se o professor afetuoso teria maior facilidade ou dificuldade em trabalhar na sala de aula. Todos os entrevistados acreditam que o professor teria mais facilidade, pois o estreitamento de laços e a aproximação com a amizade os tornam parceiros, retiram aquele paradigma que o professor é um ser “intocável”.

Para complementar as ideias acima, Mahoney e Almeida afirmam que

A teoria de desenvolvimento de Henri Wallon é um instrumento que pode ampliar a compreensão do professor sobre as possibilidades do aluno no processo ensino-aprendizagem e fornecer elementos para uma reflexão de como o ensino pode criar intencionalmente condições para favorecer esse processo, proporcionando a aprendizagem de novos comportamentos, novas ideias, novos valores (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.15).

Porque o respeito foi citado tanto por alunos quanto por professores como forma de afeto, o grupo de professores afirma, em sua maioria, que o afetuoso seria mais respeitado que a figura do professor autoritário.

Assim como os alunos têm preferência por disciplinas e professores, não é de se estranhar que os professores tenham turmas preferidas. Foi unânime a opinião dos docentes que o tratamento nessas turmas é diferente, o conteúdo se desenvolve melhor. O professor se sente mais à vontade do que naquelas que não teriam tanta afinidade. Mahoney e Almeida afirmam que

A não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudicam a ambos, e isso afeta diretamente o processo ensino-aprendizagem:

- No aluno pode gerar dificuldades de aprendizagem;
- No professor, gera insatisfação, descompromisso, apatia, podendo chegar ao *burnout*, prejudicando sua atividade. Codo (2000, p.241) apresenta o *burnout* – estresse laboral – como mal que afeta, com maior frequência, profissionais da área da educação e da saúde. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.13).

Deve haver equilíbrio nas relações em sala de aula. Professores e alunos concordam que o afeto não esteja nas concessões ou facilidades, muito menos no autoritarismo ou rigorosidade demasiados, mas na confiança e respeito mútuo.

3.3 Observação das aulas

Como esta pesquisa utiliza como metodologia o estudo de caso, tem-se a necessidade de utilizar diversas ferramentas para investigar de forma consistente o tema apresentado.

Além das entrevistas e questionários foi importante realizar também a observação da sala de aula para constatar as respostas obtidas dos professores e alunos nas entrevistas e questionário.

Na sua maioria, os professores iniciam as aulas de forma semelhante. Há exposição dos conteúdos, resolução dos exercícios e tarefas para serem feitas em sala. Essa dinâmica observada apresentou momentos diferentes relacionados a prática e experiências de cada profissional.

As salas têm capacidade para 40 alunos e nas turmas de 1º e 2º anos isso é facilmente constatado. São turmas cheias, heterogêneas e agitadas (principalmente os 1º anos). Na última série do ensino médio o número de alunos por sala está entre 30 e 35 alunos.

Em relação à sala, há a mesa do professor na frente das cadeiras dos alunos, sendo estas todas enfileiradas. Não houve, em nenhuma aula assistida, mudança nessa distribuição do espaço. Apesar de alguns professores permitirem os alunos sentarem em duplas ou fazerem um círculo na sala, a pesquisadora não observou essa interação.

Foi verificado nas aulas observadas que os professores praticam pouco a aproximação com os alunos. Tanto na exposição do conteúdo quanto na correção dos exercícios, a participação ocorre com alguns alunos, geralmente os que têm mais domínio da matéria. Na resolução individual de questões que seria o momento ideal para um atendimento mais individualizado, os professores permaneciam sentados à mesa entretidos com outras

atividades. Se o aluno estivesse com dúvida, poderia se aproximar e ser atendido, não houve durante as aulas assistidas alunos que fossem a mesa do professor.

O respeito foi verificado em todas as aulas, havia professores que estavam à vontade com os alunos, mas não houve aproximação real entre eles se considerarmos o envolvimento e a confiança. Talvez o adolescente por timidez ou desinteresse não aproveitasse o máximo do docente, mesmo com aquele que tivesse mais afinidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo ensino-aprendizagem é influenciado diretamente pela troca de emoções existentes em sala de aula. O gosto pelo dar aula, o respeito e equilíbrio oferecidos pelo professor é sentido pelo aluno e transformado em uma melhor aprendizagem.

O aluno a seu modo responde a esses estímulos oferecidos, pois, como pessoa, é um ser complexo que tem de lidar com o afeto e a cognição, que não se desenvolvem separados.

Na visão dos discentes, afetividade é o respeito, a amizade, o carinho e atenção, a compreensão e a boa vivência dentro da escola, e isso é vivido com a maioria dos professores da escola pesquisada. Porém, quantos alunos formam e são formados sem esse referencial?

Ora a afetividade não é tema novo quando se discute a aprendizagem, tampouco é tema recorrente para muitos professores da escola, seja pela falta de preparo, seja pela confusão com o que o termo realmente expressa, por isso, o que se tem de conclusão é que o caminho a ser percorrido ainda é bastante longo.

A questão do afeto pode ser estudada sobre diversos aspectos, mas o que se entende vai além da visão pejorativa de que o professor afetuoso é aquele que tem menos domínio de suas turmas ou impõe menos respeito. Ao contrário, o professor afetuoso é o profissional equilibrado e valorizado, que aproveita suas aulas para trabalhar com qualidade o processo ensino-aprendizagem.

Como algo tão importante é ainda hoje renegado? Na realidade a dualidade existente entre cognição e afeto não está só no âmbito educacional, estudiosos ora ressaltam a importância de um ora de outro. Por isso, foi utilizada a teoria de Wallon (1978) em que a afetividade e a cognição são faces de um mesmo ser complexo.

Outros fatores explicam isso, como a falta de conhecimento sobre o termo ou algo subjetivo que o professor usa para controlar suas turmas. Pôde ser verificado, ainda, no colégio CEM 804 que os professores trabalham a afetividade de forma muito tímida.

Mesmo que afeto e cognição não estejam de forma tão satisfatória unidos, foi percebido durante o estudo que esse é o caminho certo. A pesquisa foi o pontapé inicial para que as discussões pudessem ser iniciadas. Com o referencial teórico e as práticas talvez seja possível atingir a tão almejada qualidade de ensino.

É possível mudar a realidade que impera em algumas salas em que violências verbais e até físicas contra o professor o desestimula. Muitos se sentem desgostosos e esgotados com a carga de trabalho que lhes é imposta. São muitos alunos, pouco tempo, diários, avaliações,

trabalhos a serem aplicados, tudo influencia para que a afetividade não vingue em terreno tão pouco fértil.

O que poucos sabem é que ao não utilizar o afeto sofrem professores e alunos. Professores por não garantirem o efetivo ensino, por se sentirem frustrados, por oferecerem aulas de menor qualidade. Alunos por não aprenderem, por não corresponder ao professor, por desvalorizá-lo.

A qualidade das aulas sairia do plano tradicional e o que reinaria seria o espírito harmonioso entre afeto e cognição. Seria um momento para se modificar a forma de pensar e agir em busca de uma valorização do ensino.

Afinal se a escola, lugar de ensinamentos e aprendizagens não valoriza o ser como um todo, se já vem impregnada de intolerâncias e preconceitos então não cumpre o seu papel de inclusão na sociedade. Se o professor de crianças e adolescentes não puder servir de modelo e oferecer subsídios para o desenvolvimento dos alunos, então também não cumpre seu papel de educador.

A análise da relação afetiva entre professor e aluno e a interferência no processo ensino-aprendizagem foi verificada na investigação de artigos bem como na observação do ensino sob a ótica do afeto.

A pesquisa realizada em uma escola de ensino médio obteve participação de alunos e professores, partícipes diretos da sala de aula. Foi constatado entre o grupo que havia melhor qualidade e desempenho nas turmas em que o afeto era vivenciado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. Estudo de caso. *Métodos de Investigação em Educação*. Portugal, p. 3-23, 2008. Disponível em: <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em: 14 fev 2013.
- ARCHANGELO, A.; PERES, B. A.; CUNHA, J. E. B. da.; AMON, M. C. I. Os aspectos afetivos no processo de aprendizagem da matemática e da física. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 31., GT20, Caxambu, MG: 2008. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4470--Int.pdf. Acesso em 20 out 2012.
- CASTRO, N. R. de. Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicoeducacional. *Revista de Psicologia*. Vetor, v. 8, n. 01, p. 113-114, 2007.
- FARIAS, M. L. S. O. Afeto: nos fios dos bastidores da sala de aula. *Anais eletrônicos*, ANPEd, 31., GT20, Caxambu, MG: 2008. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4974--Int.pdf. Acesso em 25 out 2012.
- FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educar em revista*, Curitiba: UFPR, v. 36, p. 21-38, 2010.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 20, p. 11-30, 2005.
- RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 out 2012.
- SALLA, F. O conceito de afetividade de Henri Wallon. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/conceito-afetividade-henri-wallon/645917.shtml?page=1>
- TASSONI, E. C. M.; LEITE, S. A. da S. A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas. *Anais eletrônicos*. ANPEd, 33., GT20, Caxambu, MG. 2010. Disponível em www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/.../GT20-6865--Int.pdf. Acesso em 10/12/2012.

APÊNDICE A – TERMO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

Eu, _____, RG n.º _____, matrícula SEEDF n.º _____, diretor do Centro de Ensino Médio 804, sito à Quadra 804 Área especial 01 Recanto das Emas Brasília/DF – 72650-761, declaro ter sido informado pela pesquisadora Cristiane Akemi Sato a respeito dos riscos, benefícios e confidencialidade da pesquisa a ser feita com os professores e alunos desta escola, cujo título é a *Afetividade no processo ensino-aprendizagem*.

Também estou ciente e autorizo a observar as aulas, aplicar questionários aos alunos e entrevistar os professores citados acima, mediante a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou impresso, que omitirão todas as informações que permitam identificar quaisquer dos profissionais deste estabelecimento de ensino.

Brasília, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG n.º _____, declaro ter sido informado(a) pela pesquisadora **Cristiane Akemi Sato** a respeito dos riscos, benefícios e confidencialidade da entrevista fornecida para a pesquisa **Afetividade no processo ensino-aprendizagem**. Também participo voluntariamente ciente de que a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou presencial, nas quais serão omitidas todas as informações que permitam identificar-me, contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e produção de conhecimento científico.

Brasília, _____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

Esclarecimentos a respeito da pesquisa:

- Justificativas e objetivos.
- Descrição do método utilizado e métodos alternativos existentes.
- Desconfortos e riscos associados.
- Benefícios esperados (para o voluntário e comunidade).
- Garantia de confidencialidade das informações geradas e a privacidade da pesquisa.
- Participação voluntária e possibilidade de retirada do consentimento a qualquer tempo, sem prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.
- Conduta para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
- Recebimento de cópia deste termo.

Contatos:

Pesquisador(a) responsável: Cristiane Akemi Sato

Tel.: 9235-8387

Correio eletrônico: cris.sato@hotmail.com

Orientadora: Andréia Mello Lacè

Correio eletrônico: andreia.mello.lace@gmail.com

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM OS EDUCADORES

Caro professor, sua contribuição para essa pesquisa permitirá desenvolver um estudo de caso da afetividade e do processo ensino-aprendizagem. São perguntas de caráter geral em relação ao tema, suas impressões serão transcritas sem a identificação nominal no Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade de Brasília. A entrevista segue o roteiro abaixo.

- 1 – Qual o conceito de afetividade?
- 2 – Acredita que a afetividade está relacionada diretamente ao processo ensino-aprendizagem?
- 3 – No curso superior de Licenciatura aprendeu ou obteve recursos para trabalhar a afetividade no âmbito educacional?
- 4 – Pratica, segundo o seu próprio conceito sobre o termo, a afetividade nas suas aulas? De que maneira? (Exemplos)
- 5 – Acredita que o professor afetuoso tenha mais facilidade ou dificuldade em trabalhar na sala de aula?
- 6 – O professor afetuoso tem o respeito dos seus alunos da mesma forma que o professor “autoritário”?
- 7 – Existem turmas que você tenha mais afeto?
- 8 – A produtividade ou a qualidade da aula nessas turmas é a mesma que em outras não tão preferidas?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO ALUNOS

A seguir você responderá um questionário que contará com suas experiências e impressões ao longo de sua vida escolar, com foco no ensino médio, sua participação é de extrema importância para a pesquisa desenvolvida sobre a afetividade e o processo ensino-aprendizagem. Não é preciso identificar-se.

1 – O que você entende por afetividade entre professor/aluno?

2 – Qual a disciplina que mais gosta? Por quê?

3 – A disciplina que mais gosta é do(a) seu/sua professor(a) preferido(a)?

sim

não

4 – Existe afetividade entre alunos e professor nessa escola?

Sim, com todos os professores.

Sim, com a maioria dos professores.

Sim, com poucos professores.

Não.

5 – Você se esforça mais na matéria quando gosta do professor(a)?

Sim

Não

Não sei responder

6 – Marque a característica mais significativa que um bom professor deve ter em sala de aula:

domínio de conteúdo

autoridade em sala de aula

boa relação com os alunos

boa explicação

dinamismo e criatividade

7 – O professor afetuoso é aquele que:

() conversa com os alunos

() demonstra atenção com o seu aluno

() chama a sua atenção

() deixa a atividade ser entregue fora do prazo

() outros. _____

APÊNDICE E – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Foram observados os seguintes pontos/critérios.

1. Interação e entrosamento professor e aluno;
2. Rotina das aulas;
3. Atendimento individual ou em grupo realizado com os alunos;
4. Atividades diferenciadas nas aulas;